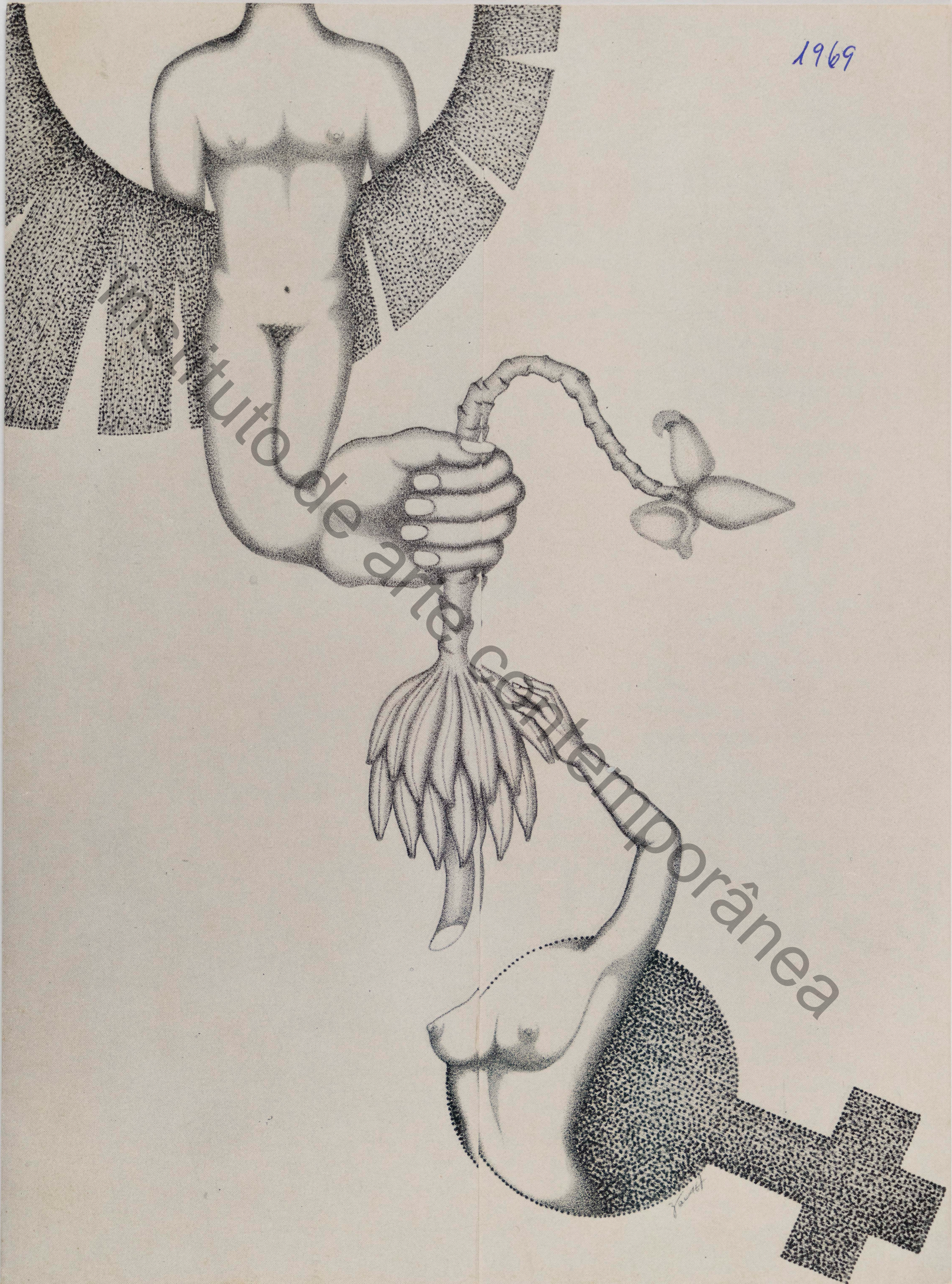


1969



ZAMA

GALERIA VOLTAICO

Rua Barata Ribeiro, 810 / 1.º andar
Rio de Janeiro / GB

A exposição de desenhos de ZAMA
será inaugurada na terça-feira,
25 de novembro de 1969,
às 21 horas.

TRAMA DE ÁLGIDO E ARDENTE

De tôdas (e não têm sido poucas) as expressões de desenho surrealista ou fantástico ultimamente surgidas entre nós Zama é a que pretende, pronuncia e provoca, através de seus trabalhos, a crítica mais explícita de uma contemporaneidade de fórmulas e padrões de comportamento internacionalizados. Fazendo uso do bico-de-pena e da imaginação voltada para a dualidade das referências eróticas — duas das constantes que a identificam nesse acorde de ver e de expressar o mundo — ela se individualiza ao substituir morbidez por humor, aprofundamento irrestrito e angustiado no poço de si própria por ironia (sua absorção das coisas se exime de sarcasmo), grandes lances dramáticos por sutis e risíveis ambigüidades, detalhística obsessiva por planejamento spacejado e tranqüilo de contrastes.

Vejo mesmo, no seu desenho, a canalização funcional do fluxo onírico, que lhe serve de dínamo e plataforma para as intenções de denúncia, através dos instrumentos de síntese, impacto e imediaticidade da arte publicitária, aproveitados no caso presente com o propósito de acionar, como a face oposta e oculta da moeda, um produto de investida crítica. Aqui — em correspondência exata com ela própria, Zama ou Dilze — é tudo muito simples, direto, de voz nítida e vivaz, de entrega ao primeiro olhar, sem coros de véus camuflando; até as ambíguas aparições de fatias humanas volatilizadas pelo ar branco

do papel, como formas fotografadas de passagem, ou a permeante recorrência aos arsenais tão solicitados da simbologia de Eros, prescindindo da presença evidenciada da morte, que costuma acompanhá-la — tudo isto numa mecânica de passar ao avesso o uso(ab)uso da mulher na engrenagem dêsse nosso universo vário e voraz da publicidade — se condensam em tórno de um núcleo de linguagem que não quer o pulo sôbre o abismo, o estertor, os jogos complexos, mas apenas a forma que não se esconde, a marca dizendo o nosso dia.

Sem qualquer intenção moralizante, a mulher está ali — cerne e confluência — como o objeto que se pode moldar na exacerbação de detalhes-chaves (e chave nos remete à associação com fechadura, do fora para o dentro, do claro para o escuro — seu desenho é todo êsse chamamento distanciado para a entrada e todo êsse contraste do ponto e do vazio) ou retalhar em peças logo refundidas e postas em conexões inusitadas. Uma visão que vê a mulher no humor-mercado do cartaz, carne de papel, bandeira e aceno a tôda vista, corte no ar e nas paredes da cidade, onda vindo até o vídeo, luz se abrindo sôbre a tela. A mulher manamente fornecida. Essa mulher: um sistema de alternância ou mesclagem de algidez e ardência, no alfa e ômega que o desenho de Zama, à sua própria maneira, tenta computar. ROBERTO PONTUAL

DADOS BIOGRÁFICOS

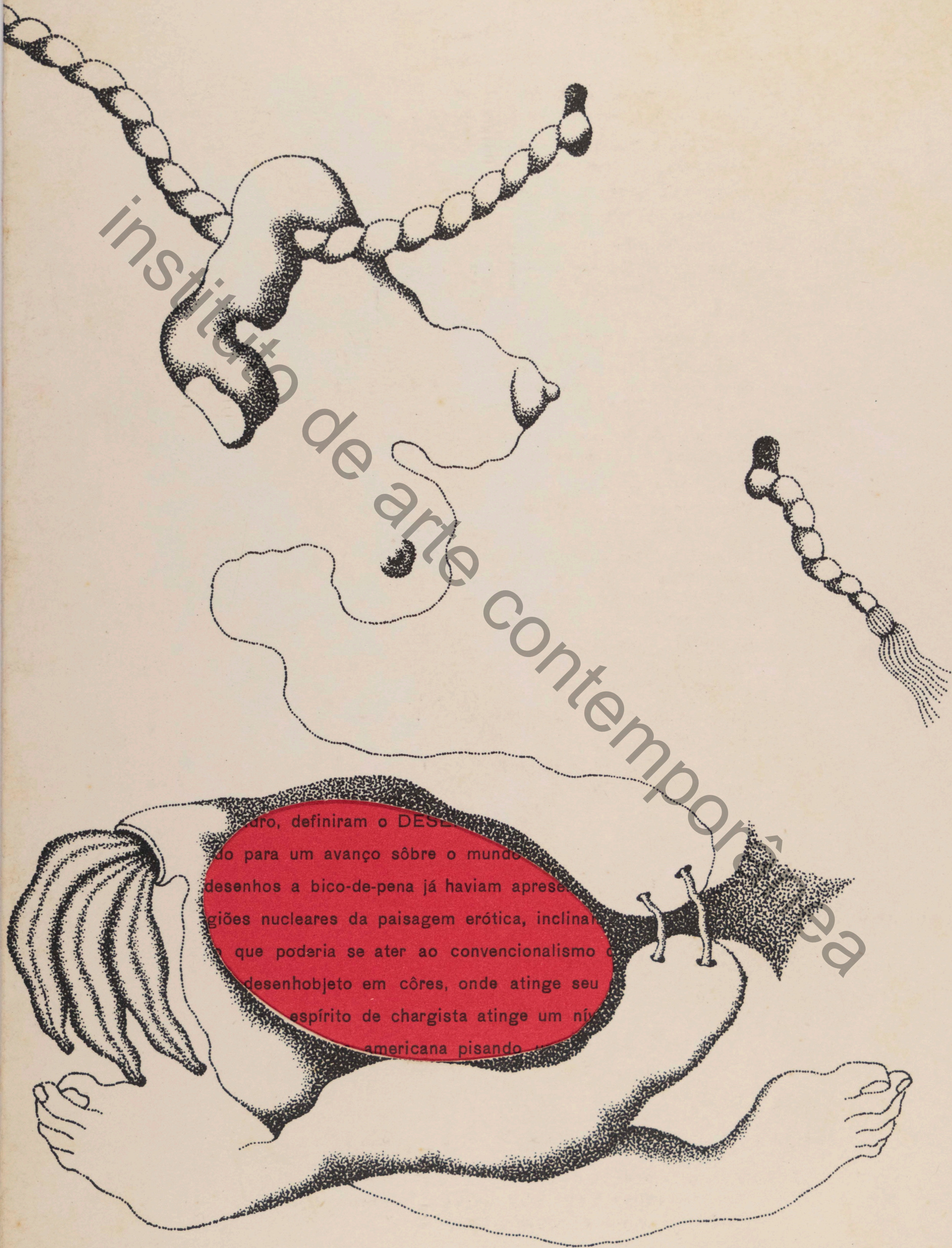
ZAMA (Dilze Oliveira Lima Soares) nasceu no Rio de Janeiro, em 1936. Começou a pintar em meados de 1964, passando então a estudar no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, inclusive, a partir de 1968, com Ivan Serpa. Depois de receber medalha de prata em pintura no I Salão Nacional de Pintura Jovem (Hotel Quitandinha, Petrópolis, 1967), dedicou-se mais ao desenho a bico-de-pena e a pesquisas no campo da colagem. O desenho-de-humor foi também — e continua sendo — um rumo paralelo de seu trabalho. Teve alguns bicos-de-pena incluídos no XVIII Salão Nacional de Arte Moderna (GB), em uma mostra de artistas novos na Galeria IBEU (GB) e no V Salão de Arte Contemporânea de Campinas, todos em 1969, recebendo no último um dos prêmios de aquisição.

instituto de arte contemporânea

1970?

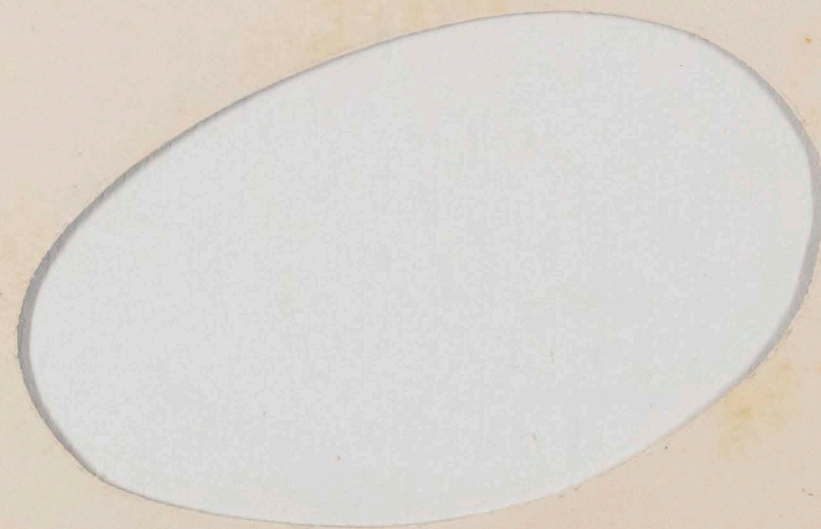
instituto de arte contemporânea

dro, definiram o Desejo
do para um avanço sobre o mundo
desenhos a bico-de-pena já haviam apre
giões nucleares da paisagem erótica, inclinar
que poderia se ater ao convencionalismo
desenhobjeto em côres, onde atinge seu
espírito de chargista atinge um ní
americana pisando



CURRÍCULO :

- 1967 — I Salão Nacional de Artistas Jovens
Quitandinha — Estado do Rio de Janeiro.
- 1969 — XVIII Salão Nacional de Arte Moderna
Guanabara — Desenho.
Coletiva — IBEU — Novíssimos
Guanabara — Desenho.
- 1969 — V Salão de Arte Contemporânea de Campinas
Campinas — Estado de São Paulo.
Prêmio — Desenho.
I Salão da Bússola
Guanabara — Desenho.
I Salão Nacional de Belo Horizonte
Belo Horizonte — Estado de Minas Gerais.
Prêmio — U.F.M.G. — Desenho.
Individual — Galeria Voltaico
Guanabara — Desenho.
- 1970 — Salão Nacional de Cultura Francesa
Belo Horizonte — Estado de Minas Gerais.
Xilogravura.
Coletiva — Gravando em 4 rumos (4 artistas)
Ouro Preto — Est. de Minas Gerais — Julho.
Curitiba — Estado do Paraná — Outubro.
Xilogravura.
Individual — Munique
Alemanha
Desenho e Xilogravura.
Participa do Centro de Pesquisa
Guanabara.
Consta no Dicionário de Artes Plásticas
de Roberto Pontual.



ZAMA

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro — GB.

CURSOS: No MAM do Rio de Janeiro, com
Domenico Lazzarini e Ivan Serpa.
IBEU, com Abelardo Zaluar.

Os últimos anos viram surgir no Brasil um surto de desenho obsessivo tendo como tônica o surrealismo de atmosfera erótica. Dentro da pauta houve os genéticos, grotescos, celulares, os trágicos, os épicos. Não se pode negar a excelência desta equipe que teve em Ivan Serpa um mestre e orientador vigilante, de rigorosa presença. Diga-se de passagem, que também o mestre incursionou pelo gênero, com sua personalidade e altura técnica.

Entre estes artistas podemos situar Zama, cujo desenho também minucioso, perfurante e rico de erotismo, enveredou francamente pelo caminho do humor, não só resistindo a qualquer comparação, como evoluindo sem se desviar da inspiração primeira. Zama, quase personagem, declamadora, inventora inédita de fábulas humorísticas, descobriu no desenho uma paixão mansa e capaz de concentrar toda a atenção de seu mundo eivado de símbolos mirabolantes e situações risíveis. Com Ivan Serpa absorveu o desejo de perfeição técnica, um desejo que não se esgota, que se multiplica ao alcançar certos alvos de sua ambição, que está sempre adiante, como as miragens da sede. Admirável em seus desenhos, sempre, foi a capacidade de se eximirem de qualquer enfoque de ilustração, para sugerirem sempre mais ambientes dentro dos quais a imaginação pôde assumir vários postos de crítica e desmistificação. Como uma espécie de planeta da carne, o corpo dividido e distribuído no espaço de seus desenhos, é um anti-altar do orgasmo, antes é um esquartejamento circense, que a artista vai recompondo numa só forma multifacetada, criando a pulsação inflada de um mutante.

Como era de se esperar (Zama diz-se atraída desde sempre pelo objeto) seus desenhos partiram para a terceira dimensão (não tivesse sido ela aluna de Abelardo Zaluar). A figura recortada em papel branco, delineado e figurado em fino traço de nanquim e ponto, foi montada sobre fundos de papel de cor intensa (azuis noturnos, verdes petróleo, bordeaux, etc.). As sombras causadas pelo relevo começaram a funcionar. Finalmente a intersecção de duas ou três ordens de vidro, definiram o DESENHOBJETO, insatisfeito de seu silêncio horizontal, partindo para um avanço sobre o mundo monótono do espectador. Antes suas montagens dos desenhos a bico-de-pena já haviam apresentado experiências de luz, com pontos piscando nas regiões nucleares da paisagem erótica, inclinando sempre para a margem do riso uma situação que poderia se ater ao convencionalismo da estilização do sexual. Não contente com desenhobjeto em cores, onde atinge seu climax expressivo, Zama nos traz objetos em si, onde seu espírito de chargista atinge um nível realmente dramático (vide os ténis com as cores da bandeira americana pisando um amontoado de bonequinhos negros). É o perigoso plano da denúncia com enderêço certo, o que em arte raramente sobrevive. Mas Zama é jovem, seus objetos apesar das influências mais palpáveis, e das intenções mais perigosas, revelam o bom indício da pesquisa ligado ao da conscientização de certos problemas, cujo enfoque é já um sintoma de inquietação e resistência.

Rio, outubro de 1970

WALMIR AYALA

STVDIVS GALERIA DE ARTE E ANTIGUIDADES

Convida para o coquetel do vernissage de Zama



Aberto diàriamente das 16 às 23 horas, inclusive domingos

Instituto de arte

Contemporânea

até o dia 24.
A direita. A nosde permanecerá - até o dia 24.
Admirante Salgado, 10 portas
10 de novembro - 21 horas -
STVDIVS NA ZAMA
Rua das Laranjeiras, 198 - entrada pela rua

instituto de arte contemporânea

